

A LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO E O IDEÁRIO ESCOLANOVISTA¹

Luciana Aparecida NUNES²

RESUMO

Este artigo faz uma breve análise dos principais personagens da obra de Monteiro Lobato, o livro **Educação Progressiva** (1934) de Anísio Teixeira, e a correspondência trocada entre esses autores, com o intuito de discutir as possíveis interfaces entre a literatura infantil lobatiana e uma das expressões da filosofia da educação do movimento de renovação educacional, durante os anos 1930. Propõe-se, com isso, elucidar o sentido filosófico e educativo dessas obras, reconstruindo historicamente o significado que possui na atividade desenvolvida por esses dois intelectuais brasileiros e no contexto intelectual da época, assim como levantando alguns aspectos pelos quais pode ser considerado como atual para as discussões em filosofia da educação e para os leitores da literatura infantil de Lobato

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da educação no Brasil; Literatura infantil; Anísio Teixeira; Monteiro Lobato; Pragmatismo.

Anísio Teixeira teve um papel importante no interior do movimento escolanovista brasileiro, durante os anos 1930, juntamente com Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Esses três “educadores profissionais”, para aludir a uma expressão de Micelli (1979), vem sendo denominados pela historiografia da educação sobre o período como os “cardeais da educação”. Entre os “cardeais da educação”, alguns trabalhos recentes vem levantando uma série de correspondências trocadas entre eles, com o intuito de analisar as expectativas e as estratégias políticas desenvolvida pelo movimento escolanovista brasileiro e o delineamento do ideário pedagógico escolanovista durante o período.

Pagni (2000) procurou focar a construção de um saber pedagógico no diálogo travado entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, durante o período, que

¹Este artigo é parte da Pesquisa de Iniciação Científica “As Interfaces entre a Filosofia da Educação de Anísio Teixeira e a Literatura Infantil de Monteiro Lobato, financiada pela FAPESP.

² Graduanda do 4º ano do curso de Pedagogia, tendo como orientador o Prof.º Dr. Pedro Angelo Pagni, na Faculdade de Filosofia e Ciências- UNESP, CEP: 17.525-900, Marília, SP- Brasil.

consistiram em uma forma de conferir legitimidade à prática política desenvolvida por esses intelectuais durante os anos 1930. Fernando de Azevedo teria se aproximado mais de teóricos como Durkheim e Dewey, em suas obras produzidas no período, constituindo uma forma de sociologia educacional na qual sustentou seu projeto político-educacional. Anísio Teixeira, por sua vez, apropriando-se de autores como Kilpatrick e Dewey procurou delinear a sua concepção de filosofia da educação na qual procurou legitimar as suas propostas pedagógicas e, de certo modo, político-educacional. No diálogo entre eles, desenvolvido nesse contexto, poder-se-ia visualizar não apenas algumas divergências, debatidas fraternamente, como também essa divisão de tarefas na constituição de uma doutrina pedagógica a ser difundida entre os professores por intermédio de suas obras e a permearem a prática escolar da época, meio pelo qual acreditavam promover a reforma social e política necessária à modernização e à democratização do país.

Na correspondência entre Lourenço Filho e Anísio Teixeira, durante o mesmo período, observa-se o empenho daquele em delinear os princípios da psicologia a orientar uma doutrina pedagógica, sobretudo em seu plano empírico, assim como o papel deste na tradução do pensamento de John Dewey no Brasil, com o intuito de orientar o ideário pedagógico e político educacional escolanovista. Nessas cartas, recém-publicadas por Lourenço Filho (2001), destaca-se o interesse comum desses dois Pioneiros da Educação Nova em relação ao desenvolvimento da teoria da educação e da psicologia educacional norte americana, além do acordo tácito entre eles de que a doutrina pedagógica escolanovista difundida no Brasil só seria efetiva quando chegasse aos professores, sobretudo através dos cursos de formação oferecidos pelos Institutos de Educação. Na correspondência entre Lourenço Filho e Anísio Teixeira também verifica-se a tentativa de conferir coerência e organicidade à doutrina pedagógica escolanovista entre os Pioneiros da Educação Nova, assim como definir os meios pelos quais esta chegaria aos professores, a veiculação pelas obras e pelos cursos de formação docente, a fim de tornar-se efetiva na prática educacional.

Nota-se, ainda, nas correspondências trocadas entre os “cardeais da educação”, durante esse período, a referência constante a Monteiro Lobato. Intelectual de maior expressão à época, em razão de sua literatura e de sua atuação no campo editorial, ele é reconhecido nessas correspondências como aquele que aproximou Anísio Teixeira de Fernando de Azevedo e de Lourenço Filho, estabelecendo uma sólida amizade e tentando

constituir aquilo que denominam de “Irmandade”. Em tal correspondência, são comentadas algumas opiniões de Lobato sobre as obras publicadas, os documentos produzidos e as estratégias políticas adotadas por esses educadores profissionais, o seu incentivo ao projeto político- educacional elaborado por eles, desde a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

É na correspondência pessoal de Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e, principalmente, Anísio Teixeira com Monteiro Lobato, todavia, que se expressam as opiniões deste último sobre a política educacional e a doutrina pedagógica professada pelos principais integrantes do movimento escolanovista brasileiro. Nelas, Monteiro Lobato revela sua simpatia pelo projeto político-educacional e pela doutrina pedagógica escolanovista, recorrentemente expressas em sua correspondência com Anísio Teixeira. Em tais cartas ele vê em Anísio Teixeira o líder do movimento escolanovista brasileiro e o realizador de uma de suas utopias: a da realização de uma cidade educativa.

Ao menos, é isso que se pode verificar na carta de Monteiro Lobato endereçada a Anísio Teixeira, e encontrada em Vianna e Fraiz (1986, p. 68):

Comecei a ler o Manifesto. Comecei a não entender, e não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar - quem sabe está nalgum lugar o livro de Anísio o que não acho aqui - e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva, que me mandaste e que se estraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo, por uma coisa maravilhosa que é a sua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatrics (sic)! ...

Eureca! Eureca! Você é o líder, Anísio! Você há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante aguda para *ver* dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores...Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pode descortinar a verdade moderna. Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode neste País falar de educação!

Embora esta impressão de Lobato ao ler o Manifesto seja discutível, ela expressa o quanto acompanha a publicação das obras de Anísio Teixeira e o quanto admira suas idéias, imputando a ele a liderança da formulação da doutrina pedagógica escolanovista. Certamente, tal acompanhamento e admiração da produção teórica de Anísio Teixeira dá-se por questões subjetivas, como a convivência e como a amizade

travada entre eles desde a época em que se conheceram nos Estados Unidos, em 1927. Mas vem acompanhada também de iniciativas em relação a própria difusão do ideário escolanovista pelo campo editorial, como a indicação de Fernando de Azevedo para assumir a *Série Atualidades Pedagógicas* da Companhia Editora Nacional, em 1931, editora que Lobato criara em 1927 e que tinha uma certa ascendência nesse período. E, o mais importante, é que Lobato, desde 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, Lobato dedicou-se à literatura infantil, inaugurando um novo gênero literário com um caráter eminentemente pedagógico, acentuado durante os anos 1930.

Por intermédio dessas pistas, na pesquisa cujos resultados parciais apresenta-se a seguir, pretende-se discutir as possíveis interfaces da literatura infantil de Monteiro Lobato com o ideário pedagógico escolanovista e, particularmente, com a filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira., durante esse período. Para tanto, privilegia-se neste artigo, num primeiro momento, a relação entre a literatura infantil de Lobato e suas relações com o ideário pedagógico escolanovista, com destaque especial para a noção de infância e de educação presente em ambos. Num segundo momento, enfoca-se as bases de legitimação da possível relação entre literatura e filosofia a partir da obra de Anísio Teixeira e os sinais de como esta última aparece na obra de Monteiro Lobato. Desse modo, discute-se aqui a filosofia e o sentido pedagógico da obra infantil lobatiana e a sua relação com a filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira, durante os anos 1930.

A LITERATURA INFANTIL DE LOBATO E O IDEÁRIO ESCOLANOVISTA

As discussões em torno da problemática educacional, no final do século XIX resultaram de uma nova visão relativa à infância vigentes na época. Essa nova maneira de **conceber a infância** é fruto das **reformas** (transformações) sociais ocorridas **no Brasil**, em meados dos anos 30, e do pensamento renovador em matéria de educação. Este último, dentro da historiografia da educação brasileira, pode ser interpretado como aquele que:

Abre-se as massas. Nutre-se de ideologias. Afirma-se cada vez mais

como central na sociedade. (...). Essa renovação foi maior no âmbito da tradição ativista, quando a escola se impôs como instituição-chave da sociedade democrática e se nutriu de um forte ideal libertário, dando vida tanto a experimentações escolares e didáticas baseadas no primado do “fazer” quanto a teorizações pedagógicas destinadas a fundar/interpretar essas práticas inovativas partindo de filosofias ou de abordagens científicas novas em relação ao passado. (CAMBI, 1999, p. 513).

Essas “novas” teorias da educação estavam presentes nos programas pedagógicos e nas reformas político-educacionais propostos desde os anos 1920.

Vários intelectuais estiveram ligados a esse movimento intelectual que se auto-denominou de movimento de renovação educacional. Um deles foi Anísio Teixeira que, influenciado pelas idéias de John Dewey, começou a divulgá-las aqui no Brasil. Essas teorias propunham uma revisão crítica da problemática educacional, baseada em uma nova forma de entender a **educação e o processo pedagógico na escola**.

A chamada teoria da educação nova é a tentativa de orientar a escola no sentido do movimento, já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam. Essa revisão, longe de representar concessões a um conceito de vida menos forte, exprime tão somente a correção, no sentido dessa sociedade, dos valores em que ela, verdadeiramente, se deve basear. Talvez, mais do que tudo, a idéia de que educação, ou melhor, auto-educação, porque só a própria pessoa se educa-é, antes de tudo, o resultado de se assumir direta e integralmente a responsabilidade dos próprios atos e experiências. (TEIXEIRA, 1968, p. 20).

Esta concepção de educação, como uma forma de auto-educação, parece estar presente na literatura infantil de Monteiro Lobato, produzida durante os anos 1930, e explicitar seu próprio sentido pedagógico amplo, destinadas ao público infantil e juvenil. Entre as obras literárias lobatianas voltadas ao público infantil, durante esse período, pode-se destacar: *Memórias de Emília* (1936), *Viagem ao céu* (1932); *História do mundo para crianças* (1933); *Emília no País da Gramática* (1934) e a reedição de *Reinações de Narizinho* e de *Fábulas* (1934); *Aritmética da Emília e História das Invenções* (1935); *Dom Quixote das crianças* (1936); *Serões de Dona Benta: lições de física e astronomia, O Poço do Visconde e Histórias de tia Anastácia* (1937); *O Minotauro* (1939).

Cada um desses livros, retratam o ensino de conteúdos como astronomia,

história, língua portuguesa, fábulas e literaturas, matemática, geologia e filosofia, entre outros, que parecem caros à educação infantil e infanto-juvenil imaginadas pelo autor e que são desenvolvidos pelos seus personagens de forma a gerar expectativas em relação à uma educação que promova a conversação entre adultos e crianças expressas em seus textos. Além disso, esses textos expressam uma forma de aprender de seus personagens infantis ou fictícios, centrada no aluno e na resolução de problemas, bastante afinada aos procedimentos pedagógicos sugeridos pela doutrina e pelo ideário escolanovista, embora se destine diretamente a um público infantil, com o qual dialoga diretamente, sem a mediação do professor e sem a necessidade do ensino escolar. Nesse sentido pedagógico restrito, esses livros de Lobato parecem prescindir da instituição a qual se destinam os procedimentos pedagógicos escolanovistas, e particularmente a sua reforma pretendida pelo movimento de renovação educacional desenvolvido no Brasil, durante o período, criando um mundo a parte, fantasioso e idealizado, próprio ao mundo infantil, a quem pretende cativar. Contudo, mantêm-se fiéis tanto as noções de infância quanto ao objetivo autoformativo presentes, respectivamente, na psicologia e no ideário pedagógico escolanovista do período, como o se observa nas características particulares e no universo dos personagens da literatura infantil de Lobato aqui interpretados.

Nesses livros a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano é, subitamente penetrada pelo maravilhoso com a mais absoluta semelhança e naturalidade. Seus personagens por exemplo, são um retrato do público que ele pretende atingir.

Os personagens Narizinho e Pedrinho possuem as mesmas características das crianças a quem dirige seus livros. São crianças comuns, encantadas com as histórias e envoltas num mundo de mistério e fantasia, onde descobrem e desencantam os mitos brasileiros, apreendem os conhecimentos da língua e da cultura, a ciência e a disposição para a resolução de problemas cotidianos e para o pensar reflexivo. Assemelham-se aos alunos, pois partem para aventuras de conhecer e aprender, e fazem isso através da experiência, no próprio contato com o objeto estudado, tocando, apalpando, conhecendo, criando uma forma de pensar e de ver o mundo totalmente livre “sem as velhas convenções da escola”, como dizia Dona Benta, outra personagem, a respeito da liberdade das crianças:

- Por que para o homem o clima certo é um só : o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vêm a tristeza, a aflição, o

desespero e a decadência. O melhor exemplo disso temos lá em casa. Como dou a vocês máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do “hã pode” – não pode isso, não pode aquilo, sem dar as razões do não pode – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. (LOBATO, 1969, p. 21).

A personagem que profere estas palavras, tão próximas a idéia de liberdade pedagógica proposta pelo escolanovismo, Dona Benta, é uma senhora que tem algumas características próprias. É uma grande contadora de histórias, também acompanha as crianças nas aventuras e é retratada como alguém muito inteligente, erudita ou sábia. Ela é tomada como uma erudita que sabe ensinar como ninguém. Analogamente, pode ser comparada a figura de um professor – talvez a figura do professor que o próprio autor pretendia: que soubesse o que ensinar, para quem ensinar e, o mais importante, como ensinar, sem desqualificar intelectualmente o conhecimento advindo do senso comum, os mitos que os envolvem, as histórias que os caracterizam e que fascinam o mundo infantil, permitindo as crianças vivenciá-lo, para, em seguida, recorrerem aos conhecimentos científicos e filosóficos disponibilizados por ela e por outros personagens. Assim ela é descrita por outra personagem do universo literário lobatiano, a boneca Emília:

O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas a diaba! De tanto ver aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bateu o Visconde em ciência. (LOBATO, 1972, p. 98).

Antes de descrever essa personagem, vale apenas apresentar outras personagens que, retratam esse percurso da aprendizagem infantil, a Tia Anastácia e o Visconde de Sabugosa, que sugerem, respectivamente, a valorização de uma sabedoria prática como ponto de partida para o processo educativo e o recurso ao conhecimento científico como uma forma de sofisticar o pensamento fantasioso infantil e de indicar um caminho para superá-lo, a fim de propiciar um olhar mais agudo e uma compreensão acerca da realidade na qual estão inseridos o público lobatiano, conseguido através da relação com esses personagens.

Tia Anastácia é a cozinheira do Sítio, também participa das aventuras da turma. É uma negra muito querida, em matéria de estudos é totalmente ignorante, e tem uma característica bem particular; tudo que ela não conhece, ou não consegue compreender é mal, é pecado. Sua sabedoria vem da vida prática diária, tudo que sabe aprendeu através das experiências já vividas. “Tia Anastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é ignorante propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia.” (LOBATO, 1972, p. 98).

Esta valorização da experiência de vida e da vida prática da personagem, na relação com os outros personagens já descritos, parece ser um ponto de partida do processo de aprendizagem de Narizinho e de Pedrinho, intermediado por Dona Benta. Isso porque tanto quanto as histórias de Dona Benta, as de Tia Anastácia encantam o universo dos personagens infantis, é próxima destes e, constantemente, está sendo submetida à prova nas aventuras da turma do sítio. Além disso, a figura da empregada negra e mulher, introduz às relações interpessoais e pedagógicas da turma do sítio, descritas até aqui e presente na literatura infantil lobatiana, um sentido de respeito às diferenças sociais, raciais e multiculturais, sem contar a presença constante do gênero feminino na intermediação do conhecimento entre as gerações mais velhas e as gerações mais novas. Embora esse sentido possa ser tomado de forma negativa, por associar a personagem descrita nesses termos a uma cultura ou a um conhecimento “inferior” próprios à designação pejorativa em relação à cultura da população brasileira da época, ou como algo extemporâneo, dado que essas questões são questões alheias ao horizonte intelectual lobatiano, não se pode negar que essas pistas sugerem uma valorização do saber popular no processo de aprendizagem descrito e que as questões levantadas são de fundamental importância para compreendê-lo, inclusive no que diz respeito à sua atualidade pedagógica.

O Visconde de Sabugosa, outro personagem, que de ignorante não tem nada, ao contrário, é a expressão viva do conhecimento científico, que se interpõe, constantemente, nessas relações interpessoais e pedagógicas do universo lobatiano, ao saber popular, aos mitos e às crendices populares, sendo constantemente utilizados pelos outros personagens para alcançarem um outro grau de conhecimento sobre as coisas e sobre os problemas com os quais se defrontam em suas aventuras. O Visconde de Sabugosa nasceu de um sabuguinho de milho e transformou-se num “sabuguinho científico”, para usar a própria expressão do autor. Muito inteligente, é o cientista e o erudito do Sítio, pois,

entende de qualquer assunto, porém, seus conhecimentos são todos baseados em livros, toda sua ciência provinha dos livros que “devorava” rapidamente.

Para se ter uma idéia de como se apropriava do conhecimento científico, vale à pena reproduzir a seguinte passagem:

O Visconde havia encontrado uma trigonometria velha, que pertencera ao cônego Encerrabodes..., tamanha foi sua satisfação que arrancou o livro dali e saiu de braço dado com ele para um passeio pelos corredores. E por lá ficaram até o dia seguinte, a conversar sobre “senos” e cosenos. (LOBATO, 1971, p. 220).

Ela revela um tato particular para tratar e discutir os objetos e os conhecimentos da matemática e de outras ciências, mas com a dificuldade de utilizá-los para solucionar os problemas decorrentes da aventura da turma do sítio, sem a ajuda de um outro personagem, como Dona Benta e Emília. Mesmo assim, o saber científico do Visconde sempre é incorporado nas relações interpessoais e pedagógicas travadas no universo dos personagens lobatianos e valorizado como um meio para se resolver os problemas suscitados nas aventuras escritas em seus livros voltados ao público infantil.

Emília, a boneca de pano a quem o autor deu vida nesses livros, é a personagem que, além de inventar uma gramática própria e conhecer o desenvolvimento das ciências, possui algumas características importantes para fazer uso desses conhecimentos e dos saberes científicos, em geral, oferecendo alternativas e soluções (às vezes provisórias e meio atrapalhadas) para os problemas enfrentados nas aventuras da turma, sendo a expressão do ensaio de pensamento e da especulação que requer o saber filosófico. Em linhas gerais, ela é dominadora e individualista. Possui um espírito líder que a distingue dos demais, também a obstinação com que sabe querer as coisas, ou como mantém seus pontos de vista e opiniões. Sua curiosidade é aberta a tudo. É o protótipo mirim do ser social que Lobato pensou enquanto desenvolvia a problemática educacional em seus livros: um ser pensante, inquieto, cheio de interrogações, perturbador, mas sobretudo um ser livre, senhor de si e de seus atos. Um ser que busca incessantemente um conhecimento adquirido através da experiência e dessa inquietação de quem quer saber sempre mais.

Pode-se vislumbrar, assim, na descrição dos personagens da literatura infantil de Monteiro Lobato a configuração de um universo ficcional e, ao mesmo tempo, pedagógico. Nele, nota-se não apenas a proposição de um ensino centrado na criança (representados por Pedrinho e Narizinho), intermediado por um adulto (a Dona Benta) e por conhecimentos adquiridos no contato daquelas com a realidade (representada pelas histórias e aventuras da turma do sítio), no qual os saberes advindos do mundo mítico e do senso comum (Dona Benta), da ciência (Visconde de Sabugosa) e da filosofia (Emília) são adquiridos. Por intermédio desses saberes, as crianças-personagens aprendem a diagnosticar, a investigar e a refletir sobre os problemas encontrados em suas aventuras, reconhecendo os instrumentos necessários para lidar com eles (da cultura popular ao saber filosófico, passando pelo conhecimento científico) e os graus de sofisticação que possuem. Nesse processo de aprendizagem, as crianças são formadas não pela aquisição da cultura transmitida por um adulto, mas uma cultura adquirida conforme o interesse e o significado oferecido à ela pelos aprendizes, auto-formando-se dentro de um ritmo próprio. É por esses aspectos que a literatura infantil lobatiana parece aproximar-se do ideário pedagógico escolanovista.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E LITERATURA INFANTIL

Em um dos poucos estudos existentes sobre o assunto, Bignotto (2000) destacou que a literatura infantil lobatiana se aproxima do ideário pedagógico escolanovista justamente pela concepção de infância nela expressa e pelo fato de retratar o ensino em seus livros, sobretudo a relação entre a criança e o adulto, de forma bastante semelhante àquela proposta pelos Pioneiros da Educação Nova, particularmente, Anísio Teixeira. É nesse sentido que a autora analisa a proximidade do ensino da gramática retratado no livro **Emília no país da gramática** (1934) de Lobato e a concepção de educação defendida no livro **Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação** (1934) de Anísio Teixeira. Nas histórias contadas nesse livro, segundo a autora, “as crianças são ativas e decidem que assunto querem aprender, depois de terem o interesse despertado por Dona Benta. O ensino se dá como Anísio Teixeira havia proposto em sua Escola Progressista.” (BIGNOTTO, 2000, p. 26), ou seja, um ensino em que os desejos e os interesses do aluno

sejam respeitados e oriente o que vai aprender. Entretanto, temos contemplado também nessa pesquisa, os pressupostos filosóficos e a filosofia da educação, em que essa teoria se sustenta, e constatamos que não há somente a proximidade do ideal escolanovista com a literatura infantil, mas há também uma proximidade muito grande entre o pragmatismo Deweyano que Anísio Teixeira defende e as reflexões que Lobato faz enquanto escreve as histórias, como podemos constatar no seguinte trecho:

Dona Benta sorriu:

-Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília

-Bem sei - disse a boneca – Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memória arruma as coisas do jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque se não o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas:

-Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era verdade quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: “b que é a verdade?”, ele que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta.

-Pois eu sei! –gritou Emília- Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia, só isso.

Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição... . (LOBATO, 1972, p. 7-8).

Esse tipo de reflexão faz que as crianças, ao ler a estória, comece também a refletir sobre assuntos como; verdade, mentira, justiça, liberdade, etc, bem próximo daquilo que propõe o pragmatismo que permeia a obra de Anísio Teixeira, sobretudo no livro: **“Educação Progressiva: uma introdução a filosofia da educação**

Ao analisarmos as interfaces da entre a filosofia da educação de Anísio Teixeira e a literatura infantil de Monteiro Lobato, não levamos em conta apenas a correspondência entre eles, nem só os dados históricos e biográficos em que se estabelece essa relação, analisamos todo o contexto, todas as situações e os pontos em que se aproximam as obras produzidas por ambos, no sentido de provar que “a influência de Anísio Teixeira sobre a obra de Lobato pode ter ajudado a fazer do Sítio do Pica-pau Amarelo uma fonte constante de inspiração para educadores.” (BIGNOTTO, 2000, p. 27), pois ainda hoje, pais e educadores buscam uma educação completa no mais amplo sentido.

Pode-se dizer, portanto, que a filosofia pode dar grandes contribuições nesse campo. Sendo assim, porque não trabalhá-la com as crianças usando a obra lobatiana? Porque não fazer com que as crianças conheçam algumas teorias de Sócrates e Platão, por exemplo, como Lobato fez com seus leitores mirins. Dessa forma seria mais fácil fazer com que as crianças reflitam sobre a vida, justiça, liberdade, com Lobato fez com Emília e a turma do sítio.

Quem sabe, no interior dessas discussões, os resultados dessa pesquisa não represente um bom modo de articular filosofia e literatura ou mesmo de indicar outros livros para ensinar filosofia para crianças, não precisando que os leitores brasileiros precisem recorrer a literatura estrangeira para aprender uma das faces do pragmatismo ou para aprender a pensar, bastando recorrer à própria filosofia da educação produzida por Anísio Teixeira e a literatura infantil de Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

BIGNOTTO, Cilza. Anísio Teixeira e a escola nova na obra de Monteiro Lobato: convergências e divergências. *Presença Pedagógica*, São Paulo, v. 6. n. 35, p. 20-27, set./out. 2000.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução Álvaro Lorencine. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1999.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LOURENÇO FILHO, Rui. Caminhos e encontros: correspondência entre Anísio Teixeira e Lourenço Filho (1929-1935). MONARCHA, Carlos (Org.). *Anísio Teixeira: obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. p. 193-224.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

MONARCHA, Carlos (Org.). *Anísio Teixeira: obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 225-254.

PAGNI, Pedro A. A constituição da Filosofia da Educação de Anísio Teixeira: entre a doutrina filosófica e a crítica pedagógica. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Anísio Teixeira: obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. p.153-92.

PAGNI, Pedro A. *Do Manifesto de 1932 à construção de um saber Pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva: uma introdução a filosofia da educação*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Org.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV/Cpdoc, 1986.

ARTIGO RECEBIDO EM 2002.